

## UM CERTO COLÉGIO DE APLICAÇÃO, POSTERIORMENTE CEPAE, UFG... ENTRE 1970 E 2000

GERALDO FARIA CAMPOS\*

Era pelos anos setenta. A *Redentora* já se instalara no país desde 1964. Um medo grande no ar.

Mas havia uma escola que queria ser competente, embora em seus primeiros tempos: escola de elite. Até os professores eram escolhidos por concurso... e havia *Summer Hill*, um perfume de Paulo Freire no ar – mesmo banido oficialmente por “decreto”. Estudava-se também Karl Rogers. E até um grupo de estudos – do qual participavam professores da FE e do CA – chamava-se “Escolas sem paredes”.

E a *Utopia?* – Falava-se nela e alguns se embrenhavam na sua vida/vivência... ela não seria algo inatingível. Não era o adjetivo – substantivo mesmo.

Os alunos passaram a ser o grande motor da escola. Falavam, tentavam participar, dividiam o ensino com os professores: crescimento de mão dupla.

Dentro da escola (CA/Cepae), professores divididos em conservadores e pessoas que queriam experimentar.

Alguns já tinham uns poucos anos de vivência com Paulo Freire, falava-se em método, só que se ia muito além. Havia experiências anteriores a 64, até em Goiás, sobre alfabetização com libertação (na Católica – Filosofia – houve alfabetização de adultos). O vento freireano caminhou pelo mundo – África, ONU, muito estudado nos EUA. E continuava soando por nossas bandas.

Dentro da escola e em alguns outros lugares de Goiás a chama não se apagou. Lenta, suada, sofrida – às vezes mais silenciosa.

O Aplicação às vezes recebia tarefas dadas pela própria UFG: a) Num ano a recuperação de alunos defasados da universidade – muito tra-

---

\* Professor de Português do Colégio de Aplicação/Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - Cepae/UFG.

balho de leitura e escrita, em diversas disciplinas; b) a escola criava coragem e começava a debater o ensino com a rede estadual, os professores mais afoitos já faziam encontros; c) os professores da rede, embora estes sempre se referissem ao CA como escola de elite (havia muitos alunos de elite; menos alunos em sala de aula; menos aulas para os professores do CA; salário maior).

O *Estado* já vinha de décadas – pode-se dizer século – “enrolando os professores”. Sem política mais séria e profunda sobre o ensino; sem política salarial; sem política de melhores condições de ensino – e aí nunca se pensava que a Educação pode ser um caminho para a instalação da *Ética* e do próprio desenvolvimento social e econômico. Social, porque em primeiro lugar é digno de ser feliz e viver bem todo o povo brasileiro, principalmente os empobrecidos.

Essa defasagem de políticas públicas na Educação seria um empecilho aos professores do Aplicação, que desejavam discutir experiências educacionais (práticas de ensino, descobertas em leituras, realizações de Conselhos de Classe, novos rumos em Avaliação, enfim, um novo viver na escola).

Caminhamos toda a década de setenta em nos preparar e em debater com a rede aquilo que estudávamos e fazíamos. No início de oitenta, mudamo-nos para o *Campus II*, da UFG, e lá iríamos encontrar, aos poucos, uma nova clientela. A classe média mais pobre já começava a acreditar no *sorteio*, que – a partir de 1975 – era o nosso novo *critério* de seleção dos alunos. Convivíamos a partir de agora com o bordão: “o colégio não é mais aquele. Já aprova bem menos no vestibular”. É como se toda a preparação, todo aquele estudo aprofundado sobre ensino, aprendizagem, avaliação, ingresso no campo da leitura e escrita (isto mesmo – uma das especializações do Colégio de Aplicação. Duas disciplinas, Escrita e Leitura, pelas quais perpassavam História, Biologia, Português, Geografia e outras disciplinas), só tivessem como fim o vestibular. Às vezes culpavam o sorteio – para não dizer a clientela. Porém o CA continuava a viver do esforço, luta e estudo de professores. Surgem os primeiros mestrados.

## CAMPO DE ESTÁGIO

A escola foi aprendendo uma prática de convivência com os estagiários (mais elas), porque os professores do Aplicação criam muito ser ali um

bom lugar para se desenvolver o estágio, para o professor se preparar para a lida na escola. Tinham-no como parte de sua vivência/ensino/estudo – e o estágio se realizava na sala de aula, nas salas das disciplinas, na biblioteca, até nos pátios. Era uma escola com a cara do estágio: vivência escolar, leitura, estudo. Daí os textos escritos. A escola gostava muito da escrita. Tal convivência atingia o Conselho de Classe. Essa instituição fortalecia muito a escola no conhecimento e vivência dos professores entre si, e proporcionava um conhecimento da vida do aluno. Academicamente, esse fazer se tornava um alimento raro para a vida de quem queria ser professor. Muitos departamentos da UFG conviveram com o Colégio de Aplicação, dividindo com este toda a realização do estágio.

Houve momentos em que o professor do Aplicação participava até das notas dos/as estagiários/as.

#### **ALGUNS DEPOIMENTOS DE ESTAGIÁRIOS/ALUNOS:**

##### Depoimento nº 1

“Eu gostaria de seguir o método, porque acho maravilhoso. Mas lá fora (rede estadual) é outra realidade, pois a minha vida é super-corrída, sem falar na dificuldade financeira em que me encontro. E também se eu abrir a cabeça dos meus alunos, contra as coisas impostas para eles, eu perco o meu emprego. Sou pró-labore e qualquer coisa posso ser mandada embora, então tem que ser como quem não quer nada, devagar.” (Estagiária n. 911523, 08/07/97)

##### Depoimento nº 2

“[...] os recursos didáticos, leitura de diversos textos, charges, história em quadrinhos, livros didáticos (plural), debate, formação de grupos, fala de aluno, professor, estagiária – entre outros, trabalhados em sala de aula no decorrer do semestre... através da metodologia e dos recursos didáticos pôde-se analisar também a relação do professor com seus alunos. É uma relação profissional e também amiga, sem atitude paternalista, apenas trabalhada numa linguagem simples e clara e até jovial[...].” (Estagiária AMS, 08/07/97)

## Depoimento nº 3

“Pois é, minha história no antigo Colégio de Aplicação, hoje atual Cepae, é cheia de afirmações, descobertas, de desilusões e de crescimento, e principalmente, de identificação com as coisas que considero válidas e importantes em minha vida...  
... porque aquela escola me sufocava, me rotulava e fazia-me sentir infeliz. Mas a partir do momento em que passei a enxergar ao meu redor muitas possibilidades de poder expressar o que realmente sentia, o lápis e o papel me ajudaram a mostrar minhas emoções e sentimentos, debater questões e tirar dúvidas sobre minhas aflições.” (Aluna V, 12/08/02)

## Depoimento nº 4

"Dos textos que li, dois me chamaram a atenção: 'A escola ensina para a vida' e 'Abrindo caminhos'. Os dois textos retratam bem o que tenho vivido na Faculdade, pois percebo que a nossa instituição não se preocupa em preparar pessoas para a vida. Estou chegando ao final de um curso de graduação e sinto-me totalmente despreparada a enfrentar o que vem pela frente..." (Estagiária MP, 2/11/98)

## Depoimento nº 5

"... Essa reflexão que você faz sobre como motivar a leitura é uma boa maneira de começar a sanar este problema. Mas alguns professores deixam este incômodo de lado porque eles próprios não são leitores assíduos.  
Em relação à escola (que também somos nós) em vez de promover a leitura, acaba tirando de seus alunos a leitura que eles já praticam, seja de gibis ou revistas esportivas..." (Estagiária SL, 12/11/98)

**SOBRE DEPOIMENTOS**

Os professores do Colégio de Aplicação (agora Cepae) sempre estudavam em conjunto (cursos planejados pela escola), a leitura e a escrita faziam parte do nosso trabalho, o diálogo e as aulas com os estagiários – dentro e fora da sala de aula, as pequenas pesquisas, a assessoria às escolas

da rede estadual – e elementos riquíssimos fornecidos por professores, estagiários e alunos do colégio/centro de estudos nos proporcionavam a leitura precedente, a leitura de mundo. Anexamos aqui alguns desses elementos nos depoimentos de 1 a 5. Checávamos, aclarávamos, e apreendíamos... Tudo no rumo de sermos professores com boa vivência escolar e de repassar isso aos professores da rede.

Assessorávamos as escolas da rede, as superintendências de ensino, tanto em Goiânia como no interior, e participávamos da construção de Guias Curriculares do Estado de Goiás. O nosso trabalho de estágio, principalmente para os diversos Departamentos da UFG, nos dava sinais de compromisso com a Educação em Goiás.

### **AValiação**

Pelos nossos estudos (em cursos, oficinas continuadas com supervisão da Faculdade de Educação, em encontros anuais), sempre janeiro-fevereiro, íamos modificando a nossa atuação, o nosso viver em magistério. Por exemplo: a avaliação. Avaliávamos por conceitos. A e B eram positivos – C negativo. Posteriormente usávamos A, B, C positivos e D negativo. Este tipo de avaliação nos instigava sempre a saber sobre síntese, comparação, dissertação, a gramática como auxiliar da leitura e da escrita e não uma matéria com extensa nomenclatura... a Escrita e a Leitura nos faziam pensar e pela avaliação discutíamos a coesão, a coerência. Nós e nossos alunos pensávamos texto, convivíamos com eles e o estudo passava a ter sabor... Estávamos sempre a ler.

A avaliação fazia parte de todo o processo: era consequência da realização de todo um processo.

### **CONSELHO DE CLASSE**

Era uma grande *instituição* do Colégio de Aplicação. Reuniam-se, semanalmente, os professores de cada turma, sob a coordenação de um deles. Outros elementos compunham o Conselho: 1 representante da coordenação pedagógica, 1 psicólogo e 1 elemento da Assessoria Técnica.

Ali se tratavam dos programas das disciplinas, da realização possível da interdisciplinaridade – em que os programas se entrelaçavam –, do es-

tudo de cada aluno, de sua frequência à biblioteca, e do atendimento das estagiárias (alguns estagiários).

A coordenação pedagógica se completava com o Conselho de Classe.

## **PESQUISA – PÓS-GRADUAÇÃO**

No final da década de oitenta surgem os primeiros mestrados. Já consumíamos mais pesquisas e até arriscávamos a fazê-las. Nasce o Centro de Estudos e Pesquisa, a escola antiga cria novas raízes – fortalece-se na pesquisa, nos estudos, e está sempre aberta à rede estadual de ensino para se enriquecer com ela na construção de uma educação mais crítica e mais viva em Goiás.

O Colégio de Aplicação/Cepae merece um estudo mais profundo a partir de suas raízes, não para vivermos o passado, mas para juntos (os de ontem e os de hoje) discutirmos, debatermos, estudarmos a Educação em Goiás, pensando sempre em novos rumos.

## **CRÍTICAS À FORMAÇÃO DO PROFESSOR**

Hoje, grandes jornais do país (o *Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo* e outros) trazem críticas profundas ao nosso estágio quanto à leitura, ao ensino de Língua Portuguesa, de Matemática, e a defasagens também quanto à escrita. E aí se chega à crítica à formação dos professores pelas Universidades Federais e outras.

Na formação do Cepae, sempre houve muito estudo e debate sobre a leitura nas diversas matérias – e a formação do professor – principalmente em realização de estágios. Lutamos sempre por políticas de educação, em estudos, uso de pesquisas, trabalhos de extensão e até em greves estudávamos nossos problemas.

## ANEXOS

### Anexo I

#### Depoimento nº 1

Iniciou-se no dia 01/04/1997, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) o estágio de um grupo de universitárias do 4º ano B, do curso de Letras, desta universidade; numa turma de 8ª série no período matutino, sob a orientação do professor Geraldo Faria.

A partir deste período de estágio, observou-se, na sala de aula, a metodologia de ensino, os recursos didáticos, a relação professor-aluno, como também o processo de aprendizagem dos alunos no decorrer do estágio.

No entanto, percebeu-se que a metodologia do professor Geral Faria, apesar de ser bastante rica, é simples e objetiva. Ela conduz o aluno à reflexão, à procura de novos caminhos, tornando-o leitor consciente, capaz de ampliar cada vez seu universo intelectual. A técnica metodológica é vista à medida que a aula se inicia, ou seja, por meio do discurso repleto de ideias fantásticas e amadurecidas do professor.

O processo de aprendizagem desta turma é gradativo e contínuo. Alguns alunos produzem mais, outros menos. Sabe-se que a aprendizagem é um processo complexo, especialmente quando se refere a uma turma que está vivendo em fase de transição. O certo seria um acompanhamento individual e contínuo por parte das estagiárias, se fosse possível.

De acordo com o que foi visto durante esta etapa, contribui de maneira extraordinária para o crescimento didático-pedagógico e humano do grupo de estagiárias do curso de Letras. Atenciosamente,

Advânia Maria Souza Lins  
Acadêmica estagiária do Colégio de Aplicação  
08.07.1997

## Anexo II

### Depoimento nº 2

Professor Geraldo, o que eu admiro no senhor é a valorização que o senhor ‘dá’ aos textos dos alunos, levando-os a melhorar ainda mais o nível da escrita, porque eles ganham motivação para isso.

O senhor levanta indagações, aguçando a curiosidade dos alunos, levando-os a procurar a questão que o senhor levantou e também os leva a pensar e olhar as coisas com mais crítica, não aceitando tudo que é despejado sobre eles. E o senhor não deixa os que estão em níveis mais baixos de lado; pelo contrário, os motiva a se esforçar mais, porque assim eles podem alcançar o nível dos outros colegas e até mesmo ficarem melhores. E eu notei que com tudo isso, o senhor consegue grandes resultados, pois os alunos são espontâneos, gostam de participar da sua aula, pois o senhor brinca com eles e ao mesmo tempo obtém uma boa disciplina. A sua aula não é uma aula massacrante, mas às vezes o senhor é mal-humorado em sala de aula e eu notei que os alunos sentem quando acontece isso.

Eu gostaria de seguir o seu método, porque acho maravilhoso. Mas lá fora é outra realidade, pois a minha vida é super corrida, sem falar na dificuldade financeira em que me encontro. E também se eu abrir a cabeça dos meus alunos, contra as coisas impostas para eles, eu perco o meu emprego. Sou pró-labore e qualquer coisa posso ser mandada embora, então tem que ser como quem não quer nada, “devagar.”

E ainda estou meio perdida, porque na faculdade, os professores nos passam teoria e mais teoria e não chegam a nenhuma conclusão, me deixando confusa. Aliás, até eles não se acharam ainda, pelo menos é o que parece.

Estagiária: Maria Joana Nogueira  
08.07.1997



### Anexo III

#### Depoimento nº 3

O que dizer do professor Geraldo?!

Para mim, o professor Geraldo é minha maior referência dentre todos os professores que já tive. Ele reúne naquele tamanho todo, uma grande história de amor e muita dedicação à escola. Ele ainda guarda o amor pelo ensino e pela educação. Foi com ele que aprendi a pensar sobre coisas que hoje são importantes e fazem parte da minha vida e talvez ele nem faça ideia de como ensinou-me tantas coisas boas.

Das lembranças que ainda tenho da época em que estudei no Colégio de Aplicação, uma são os amigos que conquistei durante nove anos e que ainda tenho por toda a vida, outra é da figura de um professor corpulento, que me metia medo mas que ao mesmo tempo me instigava de propósito, fazendo-me ver que eu também era capaz de criar, usar minha imaginação e transportá-la para o papel. Fez-me crescer enquanto pessoa, porque aquela escola me sufocava, rotulava, e fazia-me sentir infeliz. Mas a partir do momento em que comecei a enxergar ao meu redor muitas possibilidades de poder expressar o que realmente sentia, o lápis e o papel me ajudaram a mostrar minhas emoções e sentimentos, debater questões e tirar dúvidas sobre minhas aflições. Nesta fase, eu encontrei naquele grande professor um amigo, um grande aliado nas horas em que eu sentia vontade de gritar para o mundo minhas frustrações, frustrações de uma menina de apenas 13 ou 14 anos, mas que já sofria com os problemas do mundo.

Mesmo sem conversar cara a cara com o professor Geraldo, porque eu me esquivava dele sempre que o via, usava sempre o lápis e o papel para haver uma comunicação entre nós dois. Meu caderno, na verdade, era repleto de textos que eu escrevia, mas que eram simples desabafos; muitas vezes diziam respeito à escola, aos professores de modo geral e a tudo que me afligia e me fazia sofrer de alguma forma.

Pois é, minha história no antigo Colégio de Aplicação, hoje atual Cepae, é cheia de afirmações e descobertas, de desilusões e de crescimento, e principalmente, de identificação com as coisas que considero válidas e importantes em minha vida. O professor Geraldo foi o principal responsável pela forma que hoje escrevo, embora eu tenha deixado de lado meu jeito natural de escrever, porque naquela época, as ideias fluíam muito facilmente e eu amava botar no papel o que vinha de imediato. Amava a ideia de ter alguém para ler tudo o que eu escrevia e [saber] que esse alguém entendia meus problemas, que muitas das vezes eu criava, e às vezes criavam para mim. Foi uma honra ter tido o Geraldo como meu mestre. É um dos grandes educadores de nosso tempo. Seu amor à escola, ao ensino e aos alunos é uma prova de que sua dedicação à leitura, à escrita e às formas libertárias de pensamento fizeram florescer frutos, e de que estes frutos clamam pela continuidade de um trabalho honroso, honesto e responsável. Eu poderia escrever em muitas outras palavras as qualidades existentes numa pessoa tão querida e admirável como o Geraldo, mas quem o conhece, quem já teve a honra de ter sido seu aluno, ou ao menos trabalhado com ele, sabe do que estou dizendo – e que gastaria muitas páginas, talvez um livro não bastasse para tentar demonstrar tudo o que ele é e representa para muita gente.

Sei que embora o professor Geraldo seja grandão, imponha certo respeito com seus cabelos brancos, possui um alma muito jovem, um coração enorme, e a sabedoria de um homem que dedicou cerca de cinquenta anos de sua vida à escola, e olha que isso não é pouco, não! Ele sempre brincou com essa história, de que passou mais tempo na escola do que em sua própria casa, e que sua mulher sempre dizia que quando fosse o dia de sua saída da escola (e fim de toda uma história) ele sofreria muito, e acho que ela tem razão; afinal, são muitas gerações que passaram pelos olhos e pelos ensinamentos desse grande professor.

Não tenho vergonha de dizer que amo você, Geraldo, pelo que é capaz de construir dentro das pessoas, mostrando de jeito sutil a importância que cada um tem para o mundo.

Você é sem dúvida uma pessoa especial e merece do fundo do coração uma vida de muito mais aprendizado, compreensão, amizade e vitória, hoje e sempre.

Um grande abraço de sua sempre admiradora e eterna aluna,  
Virgínia! Até!

Estagiária: Virgínia  
12.09.2002

## Anexo IV

### Depoimento nº 4

Olá, professor Geraldo! Dos textos que li, dois me chamaram a atenção: “A escola ensina para a vida” e “Abrindo caminhos”. Os dois textos retratam bem o que tenho vivido na Faculdade, pois percebo que a nossa instituição não se preocupa em preparar pessoas para a vida.

Estou chegando ao final de um curso de graduação e sinto-me totalmente despreparada para enfrentar o que vem pela frente.

Quanto às suas aulas, o que posso escrever é que tenho aprendido a repensar o que é ensinar, para que ensinar, o que ensinar e como ensinar.

Até mais.

Um abraço,

Márcia.

Estagiária: Márcia Pereira Batista  
12.11.1998

Anexo V  
Depoimento nº 5

Ah, professor Geraldo! Se você tivesse sido meu professor há algum tempo... Ainda bem que ainda há a possibilidade de eu aprender muito com você e não cometer as atrocidades que alguns professores infligiram a mim.

Estou descobrindo aos poucos as várias possibilidades de trabalhar com a leitura. O seu texto “Abrindo caminhos” abriu mais um caminho para ser seguido. Essa reflexão que você fez sobre como motivar a leitura é uma boa maneira de começar a sanar este problema. Mas, alguns professores deixam este incômodo de lado porque eles próprios não são leitores assíduos.

Em relação à escola (que também somos nós), em vez de promover a leitura, acaba tirando de seus alunos a leitura que eles já praticam, seja de gibis ou revistas esportivas. O professor precisa repensar o seu papel de promotor da aprendizagem e não ser apenas um repetidor de métodos ultrapassados.

Gostei muito do seu texto, professor. Espero, até o final do estágio, pegar o fio da meada com o senhor. Pode não parecer muito legal, mas sou muito interesseira. Tenho bastante interesse em ser uma professora consciente do meu papel na vida dos alunos, como o senhor tem.

Estagiária: Leila Atival Bizinato  
12.11.1998